

A EMOÇÃO DE LERMOS SOZINHOS

Clara Pinto Correia

- ▶ **A Menina do Mar**, Sophia de Mello Breyner Andersen
- ▶ **Livro de Leitura da Primeira Classe**
- ▶ **Novos Contos de Fadas**, Condessa de Ségur
- ▶ **As Aventuras de Grishka e do seu Urso**
- ▶ **As Aventuras de Dona Redonda e da sua Gente**, Maria Virgínia de Castro e Almeida
- ▶ **Contado às Crianças e ao Povo por João de Barros**, João de Barros
- ▶ **A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersen Através da Suécia**, Selma Lagerlöf
- ▶ **As Viagens de Gulliver**, Jonathan Swift
- ▶ **Caminhos Cruzados**, Erico Verissimo
- ▶ **O Tempo e o Vento**, Erico Verissimo

A Menina do Mar, Sophia de Mello Breyner Andersen

Ainda não sabia ler, mas apareceu lá em casa um disco com a narrativa integral, lida pela própria autora, que tinha uma voz sublime. E aquilo era tão bonito, mas tão incrivelmente bonito. Ainda me lembro da entoação exacta da passagem inicial que descreve a praia, “... mas as vinagreiras passavam devagar, abrindo e fechando o seu manto roxo”. Aprendi o disco todo de cor, e passava grande parte das viagens de carro com a família a recitá-lo, para grande irritação das minhas irmãs.

Livro de Leitura da Primeira Classe

Foi fundamental, porque foi por onde aprendi a ler. Nunca mais voltamos a viver outra emoção na vida como a do momento em que lemos sozinhos um texto pela primeira vez. Lembro-me perfeitamente de estar sozinha num bosque, encostada a uma árvore. Foi já no princípio do Verão, para o fim do ano lectivo. Cheirava bem, a flores e a sol nas folhas, a toda a minha volta.

Abri o livro na parte final. E consegui ler, sem me enganar uma única vez:

*“Oh Brás
Que é
Vem cá
Para quê
Vê lá
O Tó
Tão mau*

*A mãe
Deu-lhe um pão
Para dar ao cão
E o mau do Tó
Em vez do pão
Pegou num pau
E zás trás pás
Sem tom nem som
Lá deu no cão
Que fez ão ão”*

Nunca mais quis outra coisa. Daí para a frente, foi só devorar livros.

Novos Contos de Fadas, Condessa de Ségur

Devo ter lido por volta dos sete anos, pouco depois do momento mágico em que as letras começaram a fazer sentido nas palavras, e logo a seguir nas frases. Era absolutamente horrível, tenebroso, arrepiante, cheio de episódios cruéis e de magias assustadoras. E espantosamente convincente.

Tudo se tornou muito maior à minha volta, muito mais recheado de possibilidades e de olhares. Foi a minha descoberta do lado lunar da alma humana, e encheu-me completamente as medidas.

As Aventuras de Grishka e do seu Urso

(Era uma série, não me lembro do nome do autor). O Grishka era um rapaz que vivia na tundra gelada do Ártico, e tinha um urso fiel e dedicado como um cão, que estava sempre a fazer “osh, osh”. O pai do Grishka chamava-se Orsok. Tinham aventuras maravilhosas, em que se aprendia imensa coisa sobre os ecossistemas do Grande Norte. E eu lia os livros todos de uma vez, especialmente na escola, à hora do recreio.

As Aventuras de Dona Redonda e da sua Gente, Maria Virgínia de Castro e Almeida

Que mundo delirante! Era como termos entrado pelo buraco que vai dar às terras do feiticeiro de Oz. Havia a Dona Redonda, a Dona Maluka, o Mostrengo, o Bruno, A Iria, o Cavalo do Tempo que os levava a passear, toda uma galeria de personagens surpreendentes que nos ensinavam coisas tão inesperadas como a história do primeiro soldado que correu a maratona, ou como ficou lindo o rosto de Sócrates depois de beber a cicuta. E há uma passagem inesquecível, em que a Dona Maluka queima sem uma hesitação um maço de notas com que um milionário está a tentar comprar-lhe qualquer coisa que não se vende. Eram sempre rasgos de visão e de energia.

Contado às Crianças e ao Povo por João de Barros, João de Barros

Devorei a série inteira. Aprendi imenso. Ainda hoje, muitas coisas que sei sobre os Clássicos vieram daí.

A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersen Através da Suécia, Selma Lagerlof

Foi, para todos os efeitos, a minha descoberta do prodígio da literatura. Li-o nas férias grandes de 1969, aos nove anos, quando estava de cama com uma doença complicada. Tanto como as aventuras dos patos selvagens e do rapazinho que ia com eles, fascinou-

-me a beleza da escrita: a descrição de todas aquelas paisagens de cristal, das bétulas sobre a terra gelada, das tempestades cheias de remoinhos de espuma, era tudo tão bonito, estava tão bem escrito, que fiquei para sempre possessa com a determinação de conseguir escrever assim, encantatoriamente.

As Viagens de Gulliver, Jonathan Swift

Creio que, de início, por volta dos dez anos, só li uma versão francesa da Viagem a Lilliput. Mas bastou. Desta vez foi a descoberta da capacidade de imaginação, do gozo da sátira, da liberdade da Utopia, a noção de que podemos criar universos paralelos e perfeitamente estruturados e contidos dentro do nosso próprio espaço ficcional. Decidi que, um dia, havia de conseguir fazer o mesmo.

Caminhos Cruzados, Erico Verissimo

Li aos doze anos, e devo ter lido pelo menos umas vinte vezes seguidas.

Fiquei a saber quase todo o texto de cor. Estava completamente electrizada por aquela ideia magnífica de cruzar no mesmo livro destinos e percursos de várias pessoas, que não se conhecem necessariamente mas que se encontram por acidente. Achei a trama tão bem urdida que cheguei a fazer gráficos para ter a certeza de que não me escapava uma única ligação entre os personagens. Mais tarde, esta foi uma técnica que comecei a usar com frequência nos meus romances.

O Tempo e o Vento, Erico Verissimo

A sério, li os três calhamaços de fio a pavio, sem fazer uma única pausa.

Não conheço outro épico assim tão grandioso, e continuo a sonhar com o dia em que hei-de escrever eu própria alguma coisa com o mesmo fôlego e a mesma desmesura de proporção. ■



Clara Pinto Correia (Lisboa, 1960) é Professora catedrática da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, onde dirige o 1º ciclo em Biologia e o 2º ciclo em Biologia do Desenvolvimento, leccionando em ambos os cursos os módulos associados à história do pensamento biológico. Lecciona também o curso de Escrita e Comunicação em Português para todos os Alunos do Departamento de Engenharias e Ciências Naturais. Doutorou-

se em 1992 em Biologia Celular no instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Fez um pós-doutoramento em clonagem de mamíferos na University of Massachusetts. Especializou-se em história da Ciência em Harvard, onde trabalhou sob a supervisão do Prof. Stephen Jay Gould, sendo depois Research Assistant do Prof. John Murdoch. É também escritora, com mais de quarenta títulos publicados, incluindo ficção, literatura infantil, ensaios, crónicas, divulgação científica e estudos de história da Ciência. Dirige para a Quasi Edições a colecção *Histórias da Ciência*.

Obras para Adultos

- ▶ *Agrião!* Lisboa: Relógio d'Água, 1984.
- ▶ *E se Tivesse a Bondade de Me Dizer Porquê?* (folhetim, com Mário de Carvalho). Lisboa: Rolim, 1986; Relógio d'Água, 1996.
- ▶ *Adeus Princesa*. 8ª ed. Relógio d'Água/Círculo de Leitores, Lisboa.
- ▶ *Ponto Pé de Flor*. Lisboa: D. Quixote, 1990; 8ª ed. 1994. Prémio Máxima de Literatura em 1991. Editado em alemão e holandês em 1991. Re-editado na Alemanha pela DTV em 1997.
- ▶ *A Música das Esferas*. Lisboa: Relógio d'Água, 1995 (colectânea).
- ▶ *A Pega Azul*. Lisboa: Expo 98, 1996
- ▶ *Os Mensageiros Secundários*. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.
- ▶ *A Arma dos Juízes*, Relógio d'Água, 2002.

Obras "para" Crianças

- ▶ *O Sapo Francisquinho*. Lisboa: Contexto: 1986.
- ▶ *Vitória, Vitória*. Lisboa: D. Quixote, 1991.
- ▶ *A Canção dos Dinossauros*. Lisboa: D. Quixote, 1992.
- ▶ *A Minha Alma Está Parva*. Lisboa: D. Quixote, 1992.
- ▶ *A Mulher Gorda*. Lisboa: D. Quixote, 1992.
- ▶ *A Ilha dos Pássaros Doidos*. Lisboa: Fundação Biblionef / Relógio d'Água, 1994.